



## PRÁTICA DOCENTE E DIVERSIDADE SEXUAL NO ESPAÇO ESCOLAR: O PAPEL DO PROFESSOR E OS SIGNIFICADOS DA TOLERÂNCIA

**Eixo Temático:** (15) GÊNERO E SEXUALIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR COMO RESISTÊNCIAS INVENTIVAS: O QUE PODE O “CHÃO DA ESCOLA”? / AXIS 15 GENDER AND SEXUALITIES IN THE SCHOOL CONTEXT AS INVENTIVE RESISTANCES: WHAT CAN THE "SCHOOL GROUND" DO? (ONLINE)

Letícia Fonseca Falcão <sup>1</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa analisa como a escola constitui-se como dispositivo de normatização de gênero e sexualidade, a partir da observação das vivências de estudantes trans de ensino fundamental e médio da rede pública estadual. A reprodução da cisheteronormatividade mesmo em contextos em que direitos como o uso do nome social são garantidos, revela a existência de tantos outros mecanismos de normatização, sejam eles explícitos ou não, enquanto estudantes desenvolvem táticas de resistência. Compreendendo a escola enquanto esse espaço de disputas, emerge a necessidade de observar a quem é dado o direito de existir ou a possibilidade de resistir e ser tolerado, aceito, incluído por outros. Esse estudo, ainda em fase inicial, visa lançar o olhar sobre esses conflitos e as estratégias de subversão dessa lógica enquanto pensa uma outra lógica possível baseada na autonomia dos corpos e epistemologias dissidentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** GÊNERO, SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO, TEORIA QUEER

### INTRODUÇÃO

A escola, legitimada como lugar na construção dos indivíduos para a vida em sociedade, desempenha papel de destaque também ao ensinar a jovens e crianças como ser homens e mulheres, como se comportar e agir no mundo. Por meio de padrões fabricados de normalidade e anormalidade, frequentemente ancorados em características biológicas, sociais,

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Educação da Universidade Federal de Uberlândia- UFU, falcaoleticiaf@gmail.com



culturais e econômicas, como a cor da pele, sexo e classe social, a escola torna-se também local de inclusão e exclusão. Ao participar de narrativas sobre o que é o homem e a mulher, a instituição escolar aciona modos de controle, vigilância e governo dos indivíduos, seus corpos, suas práticas e desejos.

O presente trabalho buscou trazer para o debate considerações e perspectivas iniciais de um projeto de pesquisa de doutorado em andamento que se delinea a partir de inquietações diante das vivências de estudantes trans de ensino fundamental e ensino médio cuja experiência educacional extrapola a ideia de tolerância e inevitavelmente passa por conflitos e a necessidade de estratégias de resistência.

As relações estabelecidas entre gestão escolar, professores, estudantes e famílias no acolhimento das demandas desses sujeitos de direitos vão além de burocracias e do cumprimento de leis e normas administrativas. Os conflitos se apresentam no cotidiano, nas relações interpessoais, nas estruturas de poder invisíveis e é a respeito desses outros níveis de embate que essa pesquisa buscará debruçar

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

As discussões desenvolvidas nos passos iniciais dessa pesquisa pautaram-se a partir da intenção do desenvolvimento de uma etnografia escolar que pretende configurar-se como uma metodologia potente para esta pesquisa ao articular-se diretamente com os referenciais foucaultianos, queer e pós-estruturalistas, permitindo desvelar como as normas de gênero e sexualidade são corporificadas, negociadas e contestadas no cotidiano escolar.

A etnografia operacionaliza seu método genealógico ao investigar como as microtécnicas de poder se materializam nas rotinas escolares - desde a organização espacial até os rituais disciplinares. A observação participante permite capturar o que os micropoderes agem de modo a regular corpos e desejos.

Este trabalho tem como objetivo de analisar e refletir sobre os fenômenos voltados para a discussão sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar, a partir de um olhar para a vivência na escola, as minúcias de seu cotidiano e as relações entre docentes, discentes, gestão e comunidade. Portanto, pensamos em discursos, tensões e até mesmo conflitos com relação a identidades sexuais que não são a norma dentro da



sociedade e que foram durante anos tratadas também como fora da norma para a ciência, o que reverbera diretamente nas práticas e vivências no espaço escolar.

A partir disso pretende-se realizar um estudo de caráter etnográfico, em que partiremos da presença no ambiente escolar a fim de observar como as relações são estabelecidas e como são feitos os diálogos entre os sujeitos que o compõe. Inicialmente elegemos para esse fim, a etnografia, por se tratar uma abordagem que proporcionará um aprofundamento dos debates sobre identidade sexual e seus impactos na vida escolar, nas discussões em sala de aula, nas vivências e experiências neste universo chamado escola, estando especialmente atentos a experiência dos estudantes, professores e família inseridos nesse contexto.

Busca-se construir a ideia de etnografia a partir das discussões de Strathern (2015) e de Ingold (2019), além de outras autoras e autores. Ingold (2019) analisa a etnografia enquanto prática em que o pesquisador se propõe a aprender com aqueles que estão a se relacionar a partir do momento em que este se encontra em campo. É, portanto, uma prática em que a pesquisadora se coloca não somente enquanto observadora, mas também enquanto aprendiz das possibilidades de se vida, de práticas no cotidiano, e neste caso mais específico, no cotidiano escolar.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Essa proposta de pesquisa parte do entendimento de sexualidade enquanto dispositivo, conforme o proposto pelos estudos de Michel Foucault (1999), que o percebe enquanto categoria produzida histórica e culturalmente como instrumento de controle e docilização dos corpos. A escola é um espaço onde saberes sobre corpo e sexualidade são produzidos e reproduzidos, reforçando normas heteronormativas através de discursos e práticas pedagógicas. Foucault destaca que o conhecimento sobre sexualidade não é neutro, mas moldado por instituições (medicina, psicologia, escola) que definem o "normal" e o "anormal", disciplinando corpos e desejos. A heteronormatividade, como critica Miskolci (2017), opera na escola de forma sutil, marginalizando identidades dissidentes e naturalizando a heterossexualidade como padrão. Isso se reflete em currículos, formações docentes e interações escolares, perpetuando violências simbólicas e exclusão.



Miskolci enfatiza que o conhecimento científico é atravessado pelo heterossexismo, influenciando a educação e as relações escolares. A heteronormatividade invisibiliza diversidades, reforçando estereótipos e silenciando existências não binárias.

Nesse sentido, visto que as vivências de crianças e adolescentes trans foram a ignição para que questionamentos que movem essa pesquisa se iniciassem, o conceito de heterossexismo e heterossexualidade compulsória propostos por Miskolci não são suficientes para instrumentalizar toda complexidade dessa discussão. Para pensarmos outras possibilidades epistemológicas e ferramentas analíticas para essa pesquisa trazemos também para o centro dessas discussões as produções de Preciado (2002, 2008, 2019) que nos permite ampliar a discussão sobre os dispositivos de poder já elaborados por Foucault, além de discutir a conceitos da biopolítica e a possibilidades de resistências aos protocolos normativos e de saúde mental e gênero impostos nas escolas. Preciado contribui ainda ao propor uma subversão às categorias fixas de conhecimento nos levanto a pensar a partir de uma epistemologia queer, desnaturaliza o binarismo de gênero e a heteronormatividade e discutindo identidades não-binárias e infâncias trans.

No que toca à prática docente e as relações estabelecidas no cotidiano escolar, nos valemos também do repertório de discussões fomentados pelos estudos de Guacira Lopes Louro (1997, 2000). Os estudos Louro sobre educação e diversidade sexual oferecem uma contribuição essencial para repensarmos o papel da escola na construção de ambientes inclusivos e respeitosos. Para Louro, a educação deve ser um espaço de acolhimento e visibilidade para o conhecimento de diferentes identidades sexuais presentes na sociedade. Isso implica em reconhecer a existência de múltiplas formas de expressão de gênero e sexualidade, indo além das normas e padrões tradicionalmente estabelecidos e reforçados pelo próprio currículo escolar. A educação, nessa perspectiva, não apenas se alia ao combate a homofobia e a discriminação, mas também buscaria desconstruir os estereótipos e preconceitos arraigados na cultura. Louro defende uma pedagogia que promova o diálogo aberto sobre sexualidade, que inclua a temática LGBTQIA+ nos currículos de forma responsável e que capacite os educadores para abordarem essa diversidade com sensibilidade, valendo-se dos pressupostos da camada pedagogia queer.

Butler (2003) e Sedgwick (1998) ampliam essa discussão: a identidade de gênero é performativa e socialmente construída, desafiando categorias fixas. No ambiente escolar, isso



se traduz na forma como performatividades de gênero são vividas e negociadas. A escola, como espaço de reprodução social, reflete tensões entre normas hegemônicas e identidades dissidentes. Questões centrais incluem: como a comunidade escolar (professores, estudantes, gestores) lida com essas performatividades? Como as discussões sobre gênero emergem no cotidiano escolar? Como os professores agentes desse espaço lidam com os conflitos e as demandas que surgem?

Em síntese, a pesquisa propõe investigar como a escola reproduz ou subverte dispositivos de sexualidade e gênero, articulando Foucault, Miskolci, Louro e Butler para pensar uma educação que desnaturalize normas e acolha diversidades. O objetivo é mapear discursos, práticas e resistências no cotidiano escolar, lançando o olhar para as vivências, conflitos limites e possibilidades dentro do espaço escolar e dos sujeitos que o compõe.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora esta pesquisa ainda esteja em fase inicial, os primeiros diálogos entre os referenciais teóricos já apontam para a urgência de desnaturalizar os dispositivos de gênero e sexualidade que estruturam o cotidiano escolar. A observação preliminar, enquanto professora e pesquisadora, das escolas na diversidade de espaços que a compõe - espaços como banheiros, aulas de educação física e reuniões pedagógicas, reuniões da pais, sala de aula, intervalo - revela como a escola opera como máquina de produção de corpos dóceis, seja através da medicalização de identidades trans, da linguagem heterocisnormativa nos materiais, conteúdos e atividades e especialmente a invisibilização da existência de corpos queer. Esses achados reforçam a potência da articulação proposta por Preciado entre biopolítica, farmacopornografia e educação, sugerindo que a norma cisgênera não é apenas reproduzida, mas também contestada nas brechas do cotidiano.

A continuidade desta pesquisa é fundamental para mapear como as resistências se organizam em contextos escolares, ampliando a compreensão sobre as táticas de sobrevivência de corpos dissidentes. Além disso, a fase etnográfica aprofundada permitirá analisar como as teorias queer e pós-estruturalistas podem subsidiar a construção de outras lógicas e relações nesses espaços e até mesmo formação docente. Os próximos passos incluem a imersão em duas escolas da rede pública, com atenção aos fluxos entre discursos institucionais e práticas micropolíticas de reinvenção do gênero.



Por fim, a pesquisa sinaliza a necessidade de decolonizar os saberes sobre sexualidade na educação. Seu potencial transformador está justamente em expor as fissuras do dispositivo escolar, abrindo espaço para outras possibilidades que, como propõe Preciado, "fabriquem corpos impossíveis" – corpos que recusam a gramática binária e medicalizante da educação tradicional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, ao investigar as experiências de estudantes trans no ambiente escolar, compreende que a educação vai muito além da transmissão de conhecimentos formais – é um campo de disputa onde se negociam corpos, identidades e existências. As observações e discussões preliminares, que aqui apresentaram-se enquanto esboços e inquietações que movem uma pesquisa em fase inicial, perceberam que mesmo quando se cumprem normas administrativas de inclusão, mantém estruturas sutis de poder que perpetuam a violência simbólica contra corpos dissidentes. A continuidade desta pesquisa se faz essencial para desvelar como a normatividade de gênero se entrelaça com outros marcadores de diferença (classe, raça, capacidade), pensando possibilidades para subverter a lógica da tolerância por uma outra ética de corpos, vivências e desejos possíveis

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

HÉLIO FILHO, G. L., & de Oliveira, I. G. (2018). Educação, gênero e diversidade: a inclusão de estudantes transgênero na escola. *Revista Espaço Pedagógico*, 25(2), 324-340.

INGOLD, T. Antropologia: pra que serve? Petrópolis: Vozes, 2019.

JUNQUEIRA, R. D. O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: RIBEIRO, Paula Regina osta et.al. (Orgs) *Corpo, Gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: FURG, 2007, p. 59-69.



LOURO, G. L. O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

LOURO, G. L. Teoria queer – uma política pós identitária para a educação. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós- estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MISKOLCI, R. Teoria queer: um aprendizado pela diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PRECIADO, Paul B. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

PRECIADO, Paul B. Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

PRECIADO, Paul B. Um apartamento em Urano: crônicas da travessia. Tradução: Fernanda Miranda. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

STRATHERN, M. O efeito etnográfico: e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2015. 572 p.